

# Revolução

## A ARMA É O VOTO DO POVO



Este número inclui:

- MANIFESTO DO PRP-BR
- POSTER "O PARTIDO EGOCENTRISTA"
- ENTREVISTAS COM MILITARES DO R.A.L.: 1 E MONSANTO

# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## A CRISE ECONÓMICA DÁ LUCROS

Camaradas:

Li com o maior interesse, como é natural, o manifesto agora publicado pelo nosso partido com o título — palavras de ordem “Não às eleições, Sim à Revolução Socialista”.

Mereceu-me evidentemente toda a concordância militante mas algo há a dizer sobre esse manifesto do ponto de vista de um melhor aprofundamento e esclarecimento de uma questão nele abordada

Assim, logo a seguir ao segundo subtítulo (“Crise económica e social”) aparecem três parágrafos que é onde se contém a matéria que motiva esta carta. Referem-se eles à instabilidade do poder político, à profunda crise económica actual do sistema capitalista, à inviabilidade de uma saída social-democrática quanto à (impossível) estabilização de uma democracia burguesa em Portugal. Falam, em suma, de uma análise que o nosso partido tem vindo a fazer momento a momento e que se tornou quase num lugar-comum usado quem sabe se mecanicamente por quantos têm opinião política lúcida e a exprimem neste país.

Ora é preciso ter cautela com esta espécie de “lugares-comuns” porque às tantas pode acontecer que eles nos ceguem. Foi este receio que me fez reagir. Temos de ser constantemente rigorosos (e não só ao falar da crise, procurando dizer a verdade toda, porque de contrário arriscamo-nos a sugerir aos leitores mais desatentos (sobretudo com frases como

aquela que surge mais adiante, no manifesto: “O capita l foge para onde dá frutos — esta a lei em sociedade capitalista”) que a classe dominante já deixou, coitadinha, de ter lucros em Portugal —, embora continuemos a viver em capitalismo... Temos, concretamente, de notar com palavras claras que a crise económica em que está a debater-se o sistema capitalista português (no quadro geral do capitalismo mundial) não equivale, ou não corresponde exactamente, a um irremediável abaixamento de lucros em todo o lado, a ponto de desencorajar todos os empresários e capitalistas, inclusivé o Estado.

Bem sabemos que quem acabar acabará sempre por pagar as custas desta crise seremos nós, os trabalhadores, que não a provocámos, caso sejamos tão tolos e tão fracos como isso e caso a inflação e o desemprego não mobilizem em nós consciência de classe suficiente para reagirmos com verdadeiro e libertador impeto revolucionário contra a classe exploradora. Mas não interessa alongar aqui uma análise “de classe” deste género. O problema é outro.

Trata-se, em primeiro lugar, de ver que a crise económica não faz incidir os seus nefastos efeitos em todos os escalões da realidade portuguesa. Lembremo-nos que o dinheiro em circulação e a riqueza geral do país continuam a existir sem quebra apreciável. Em que consistirá então, em termos políticos rigorosos, a crise económica actual do sistema capitalista? Quem ganhará com a descida da produção?

Indiscutível que se verificou nestes últimos onze meses uma descida geral do nível de vida em Portugal devido à subida dos preços (que os aumentos salariais conseguidos mal acompanharam) e ao desemprego (fala-se já de uns 300 000 trabalhadores!). Em verdade, pode-se dizer que esta crise deixa as algibeiras dos trabalhadores ainda mais vazias do que já andavam antes, mesmo quando, aparentemente, nós ganhamos mais. (A propósito: o salário mínimo nacional devia ser aumentado agora, ao fim de um ano sobre a sua criação, em cerca de 40% — taxa de inflação — passando para 4.620\$00 para continuar a valer o mesmo!) Onde se amontoa então o dinheiro, o valor da riqueza numa altura destas, de crise?

Não se amontoa, julgo eu, em todos os elementos da classe dominante por igual. Lembremo-nos que não são poucos, por exemplo, os empresários, donos de pequenas e médias empresas, que as têm perdido devido a falência. Quando tal acontece, alguém lhes toma o lugar... Em que mãos, concretamente, está a concentrar-se agora o dinheiro e os bens?

Respondendo a estas interrogações, talvez seja possível definir a crise económica actual essencialmente como um momento em que os elementos da classe dominante, além de manterem com

tornas adequadas a sua velha exploração directa sobre nós e de procurarem até reforçá-la e acelerá-la, passam simultaneamente a empenhar-se numa mais acesa e mortal competição entre si, comendo-se uns aos outros, impelidos pelas forças negativas desencadeadas pela crise segundo a lei do “salve-se quem puder”. Quer dizer, a crise define-se como um momento em que surge uma mais feroz, rápida e violenta concentração do dinheiro e da riqueza que era de muitos nas mãos de meia-dúzia de elementos da classe dominante à custa dos trabalhadores e dos pequenos e médios empresários vulneráveis à concorrência dos grandes. Trata-se de uma fase de intenso enriquecimento de alguns grupos, de estruturação de novos monopólios ou de imposição e ampliação dos antigos — monopólios esses que até podem ser do Estado, pois nem assim, “nacionalizados”, eles perderão a sua natureza capitalista. Parece-me importante ter presentes estas considerações ao falarmos da crise económica para que ninguém possa pensar entre nós que falta por aí, mesmo nesta situação económica difícil, quem ganhe rios de dinheiro mais uma vez à custa da miséria e da opressão da maioria dos portugueses.

Saudações revolucionárias

Silva

### UMA CARTA

CAMARADAS,

Com grande desapontamento li no número da “Revolução” do passado dia 1 de Março, no artigo intitulado “Quem tem culpa de tudo isto?”, a acusação directa ao MRPP de que este alinha em manobras contra-revolucionárias, ao lado dos outros partidos da burguesia.

Essa provocação seria perfeitamente natural num daqueles churrilhos a que nos habituámos a ver brotar do seio do chamado P”C”P.

Também é verdade que tal acusação não compromete o prestígio do PRP-BR nem sequer o da redacção do seu porta-voz, por não ter sido proferida em Editorial.

Mas fere, isso sim, que a “Revolução” franquee as suas colunas ao social-fascismo, atitude essa que, a ter continuidade leva a fazer

recear que os representantes daquelas Brigadas Revolucionárias que tanta admiração angariaram junto da classe operária acabem por degenerar, minadas pela corrupção revisionista.

De resto, a forma burguesa do autor terminar o seu artigo “apresentando os seus cumprimentos” não ilude ninguém. E já agora, permito-me recomendar à “Revolução” que mantenha especial vigilância nos artigos que transcrever nas suas colunas pois, doutro modo, corre o risco de amolecimento e de, qualquer dia passar a finalizar os seus Editoriais com chave de ouro, enfeitados com a seguinte fórmula: “A bem da Nação”.

Saudações revolucionárias

Um leitor

### Sedes

LISBOA — Jornal “Revolução”  
R. Arco do Carvalho, 1, 5.º Dto. — Tel. 68 23 23

Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 68 09 60

PORTO — Rotunda da Boavista, 76, 3.º Esq.  
Tel. 69 50 80  
Rua Álvares Cabral, 110

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21 — tel. 2 49 98

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
Algés de Cima

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 D e C

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, n.º 6  
Telef. 2763267, 2763397, 2763122

MARINHA GRANDE — Av. 1.º de Maio, 35-37

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão

SETÚBAL — Colégio Frel Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 32-34

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1

COVILHÃ — Rua Visconde da Curriscada, 68

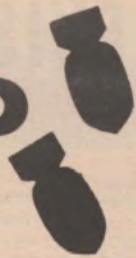
CASTELO BRANCO — Rua Quinta Nova, 7

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução

# BOMBARDEAMENTO EM



# SACAVÉM

## ENTREVISTA COM

## UM OFICIAL DO RAL 1

Aos 8 minutos para as 12 H de 11 de Março os primeiros "rochets" atingiram a parada e os edifícios do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1, em Sacavém. Era o início da efectivação do golpe da direita. A sua preparação começara muito antes, nos dias imediatos ao 28 de Setembro, entre e "moderação" dos reformistas e a radicalização e o crescendo das lutas dos operários e trabalhadores apoiados pelos sectores mais progressistas do MFA. Pelas 14 horas do dia 11 a derrota da direita estava consumada. Mas a fuga ou a prisão dos mais directos responsáveis, a criação do Conselho da Revolução, a nacionalização da banca e dos seguros, representando embora uma importante vitória para as forças revolucionárias, não vêm resolver, senão agravar, a crise geral que o país atravessa, a crise geral do capitalismo em Portugal. Crise que só terá uma solução — a Revolução Socialista.

Sobre o 11 de Março, visto e analisado do R.A.L. 1, falou para "Revolução" um oficial das Relações Públicas daquela Unidade.

— Para nós, e esta análise foi feita e repensada já várias vezes, em relação ao 11 de Março o que se passa é o seguinte.

A burguesia portuguesa vai ganhar as eleições, ou pelo menos ia ganhar as eleições, e portanto ia apoderar-se do aparelho de estado civil. Mas o aparelho de Estado civil não representa o poder. O que representa o poder neste momento é o aparelho de estado militar. Portanto a burguesia precisava de controlar o aparelho de estado militar para poder voltá-lo contra as massas trabalhadoras. Isso implicava, desde já, que conseguisse o controle das unidades, pelo menos das unidades chave. E certas unidades estão demasiado avançadas, e estão já demasiado ligadas à luta dos trabalhadores para se voltarem contra eles. Acho que o RAL 1 é o exemplo mais marcante disso. Já demonstrou por várias vezes, como no 7 de Fevereiro, que nunca será capaz de virar as suas armas contra os trabalhadores e que actuará sempre em defesa deles. Daí que o ataque tenha começado pelo RAL 1.

Estou convencido que não ficaria só por aqui. Uma vez combatido este baluarte, iriam atacar outras unidades, até conseguirem uma estrutura militar que lhes desse o poder. Isto, quanto a nós o que justifica o 11 de Março, a razão pela qual a direita, em vésperas de eleições lança o golpe, aparentemente suicida. O golpe na verdade não era suicida porque ela contava que nós fracquêssemos e que eles conseguissem rapidamente cá entrar. Não conseguiram e isso levou de imediato muitas unidades que estariam hesitantes a não aderirem. Houve muitas unidades que estavam dispostas a aderir e que ficaram paradas, o que permitiu portanto debelar o golpe.

**REVOLUÇÃO: A que atribuir além disso o falhanço do ataque à vossa unidade?**

— Em grande medida à conscientização política dos nossos soldados. A nossa reacção foi de

facto bastante pronta, nós procedemos em princípio segundo o que tínhamos pensado que seria correcto se um ataque se verificasse. Foi fundamental a combatividade que os soldados revelaram logo, e essa combatividade está de facto ligada à sua consciência política. Nós temos exemplos de soldados que mesmo durante o ataque diziam "nós poderemos morrer aqui mas morreremos na defesa dos nossos interesses. Antes morrer aqui do que depois sermos fuzilados no Campo Pequeno". Isso foi de facto determinante, essa decisão dos soldados de se manterem firmes na defesa do povo. Mas não apenas isso. Também contribuiu muito a própria indecisão dos soldados paraquedistas, sobretudo a partir do momento em que as massas populares aqui acorreram e começaram a conversar com eles. E, talvez também, uma demasiada auto-confiança dos direitosistas que estavam convencidos que bastariam dois aviões para mandar umas bombas, mais duzentos paraquedistas para dar cabo duma unidade como a nossa. Portanto não é apenas uma questão de preparação militar e psicológica nossa, é também questão da demasiada confiança dos reaccionários.

**REVOLUÇÃO: E também a desobediência às ordens dos reaccionários por parte dos soldados "páras".**

— Sim, a passagem a certa altura dos soldados "páras" para o nosso lado, quando perceberam que tinham sido enganados.

**REVOLUÇÃO: Para o RAL 1, quais as consequências do 11 de Março?**

— teve duas consequências extremamente importantes. Por um lado passou a haver uma unidade muito maior entre os soldados do RAL 1 e os soldados das outras unidades. Se a nível de elementos mais reaccionários, a nível de oficiais de patentes mais elevadas, o RAL 1 continua a ser encarado com a mesma desconfiança agora, ao nível dos soldados o RAL

1, neste momento, é um exemplo e qualquer comandante que hoje pensasse em atacar o RAL 1 faria melhor em pendurar-se pelo pescoço porque os soldados não lhe obedeceriam mesmo. O RAL 1 passou a ser encarado e toda a gente o reconhece, como aquela unidade fiel 100% ao programa do MFA. Por outro lado, a nossa união com as massas populares também se reforçou. O povo reconhece também e sabe que o RAL 1, é aquela unidade que está incondicionalmente do seu lado. Aquilo que nós internamente já tínhamos conseguido, que era criar entre os soldados este espírito de união com o povo, conseguiu-se desta feita levar até lá fora. A partir de agora o povo sabe que estamos do seu lado e estará sempre também connosco isso é extremamente importante para nós dado que somos uma unidade bastante avançada do ponto de vista político, e por vezes poderíamos correr o risco de ficar isolados, e essa união permite evitar esse risco.

**REVOLUÇÃO: O 11 de Março saldou-se portanto por uma prova de confiança mútua entre o RAL 1 e as massas trabalhadoras.**

— Exactamente. Mas não foi a primeira. Já anteriormente tínhamos feito outra e talvez até mais deliberada. O ataque do dia 11 foi de surpresa ao passo que a outra foi deliberada, nós decidimos tomar uma determinada posição pública para mostrar a nossa posição que era de estar sempre ao lado das massas trabalhadoras e das suas lutas. Foi o caso da manifestação do 7 de Fevereiro.

**REVOLUÇÃO: Tinham previsto anteriormente a possibilidade de um ataque sob qualquer forma ao RAL 1?**

— Sim e não. Nós não contávamos com um ataque nesta altura precisa, nem sabíamos que forma tomaria esse ataque. Nós contávamos numa determinada altura com um ataque e estamos sempre preparados para ele. E isso não só pelas informações e pelos

boatos que já aí corriam do perigo de sublevação de elementos de direita, mas porque sabíamos que neste momento da fase da luta de classes aqui no nosso país, tudo aquilo que se pôde decididamente do lado das massas trabalhadoras é o alvo, e particularmente o exército. Nós sabíamos que éramos um alvo para os reaccionários, que nos atacariam mais cedo ou mais tarde, dessa maneira ou de outra. Nós encaramos mesmo muito seriamente a hipótese do ataque militar, como foi o caso.

Também encaramos a hipótese de os ataques tomarem outra forma, através de tentativas de transferir pessoal, de tentar enfraquecer-nos, tirar-nos de cá material, etc. Mas encaramos portanto a hipótese do ataque militar e estávamos preparados para isso.

**REVOLUÇÃO: Que forma assumia essa preparação?**

— Para além da preparação militar, e não vamos agora falar nela,

Continua pág. 4



# ENTREVISTA COM UM OFICIAL DO RAL 1

Continuação pág. 3

preparação psicológica, quer dizer, todo o soldado, e não apenas ao nível dos quadros, todo o soldado estava consciente das possibilidades que havia do ataque se realizar, das razões que levariam a esse ataque, e estava apto a responder.

Foi dito mais tarde por soldados que, na verdade, quando lhes falavam nisso "nós podemos ser atacados", eles a princípio não acreditavam mas que agora tinham a prova que de facto era assim.

**REVOLUÇÃO: Pensam que há possibilidade a curto prazo, de golpes reaccionários?**

— Politicamente não me parece que haja possibilidade de antes das eleições, haver novo ataque armado da direita. Creio que a direita neste momento, só tem uma hipótese, recorrer ao poder militar estrangeiro. Mas não tem condições políticas para o fazer.

**REVOLUÇÃO: Acham que a derrota da direita do dia 11 e as medidas legislativas que se lhe seguiram ou seguirão são só por si suficientes para permitir uma resolução da crise?**

— Não de modo algum. E isso a dois níveis. Por um lado, a burguesia levou um grande golpe com a nacionalização da banca e dos seguros, mas isso não é suficiente. Como já foi dito por elementos do sindicato dos bancários, a nacionalização da banca só transfere o problema pois quem tem o poder do Estado é que detem o poder económico. Isso portanto não leva por si só ao socialismo. Esta é a primeira questão. A burguesia perdeu o controle directo da banca, mas pode continuar a detê-lo por meio do aparelho de Estado, através das pessoas que lá colocará. Esse problema não está portanto, resolvido.

Por outro lado dentro do próprio exército, como o golpe do 11 de Março veio demonstrar, o problema político ainda não está resolvido, ainda continua a existir. A todos os níveis e sobretudo a nível de comando ainda há muitos reaccionários. E dentro do exército ainda não está resolvido para que lado pende a maior força se é para o sector progressista se é para o

sector reaccionário. Eu diria mesmo que se formos atender à relação de forças reais, algumas unidades chave tendem de facto para o sector progressista, se formos ao número de oficiais, sobretudo de patentes mais elevadas penderá para a direita. Isso mostra que o problema não está resolvido e que portanto a luta vai continuar bastante aguda, tanto fora como dentro do exército.

Portanto, o 11 de Março terá sido um ponto mais agudo dessa luta que permitiu um maior avanço dos sectores progressistas mas que de forma alguma resolveu a questão. Para resolver a questão seria necessário em primeiro lugar um saneamento completo, saneamento que nunca existiu. Um saneamento completo que implica não só o afastamento de todos os comprometidos com o 11 de Março mas ainda de todos os elementos conservadores e reaccionários do exército. Afastados da hierarquia militar, colocados em postos técnicos, onde possam ser aproveitados mas não tenham de facto poder de decisão.

Em segundo lugar implicava a alteração da estrutura do próprio exército, a criação portanto de um exército de facto democrático internamente, coisa que o nosso não é e que não tem ainda estruturas que lhe permita ser. E aqui, sobretudo neste segundo ponto é que não vejo por enquanto nenhuma solução. Talvez a Assembleia do MFA venha resolver esta coisa, depende da sua composição e de qual seja realmente a participação que as bases conseguem nela. Quer dizer que para nós a questão põe-se sobretudo a nível de relação entre os representados, entre a massa do exército, portanto dos soldados, e os representantes que são os que formarão de facto a Assembleia do MFA. Se for a opinião dos representados a determinar a opinião dos representantes, estão asseguradas as condições para o exército desempenhar um papel democrático. Se pelo contrário for possível aos representantes, e para o caso tanto faz que sejam oficiais como soldados, se for possível que eles tomem posições pessoais, o



7 de Fevereiro — soldados do R.A.L. 1 e operários manifestam-se contra o desemprego frente ao Ministério do trabalho

problema da democracia no exército não estará resolvido.

**REVOLUÇÃO: Após o golpe falhado apresentaram determinadas reivindicações, nomeadamente o fuzilamento dos responsáveis pelo golpe.**

— Quanto a isso já agora gostaria de esclarecer uma coisa. Quando o pessoal do RAL 1, e não é só o pessoal do RAL 1, é também pessoal de outras unidades, muitas outras unidades que têm apoiado a nossa reivindicação, exige o fuzilamento dos culpados da intenção, não o faz com o mínimo intuito de vingança. Não é o facto de morrer um gajo que disparou contra nós que vai resolver o problema. O nosso intuito é salvaguardar a nossa própria segurança. Precisamente porque estamos convencidos que enquanto não houver um castigo duro, extremamente duro, enquanto não for aplicada uma pena extremamente dura aos conspiradores e estes continuarem a ir viver para Casias com televisão, café, com bolinhos de casa, bem instalados, continuando a poder fazer os seus comícios políticos lá dentro, quando não são simplesmente soltos passados um mês, dois meses, eles continuarão a conspirar. Só quando houver um castigo duro é que eles passarão a pensar duas vezes e começaram a recear, porque a burguesia é coarctada.

E se for aplicado um castigo exemplar a dois, três, quatro indivíduos os outros começarão a pensar. E nós estaremos muito mais seguros. É por uma questão de segurança que nós pedimos penas extremamente duras para os

conspiradores, não por uma questão de vingança.

**REVOLUÇÃO: Do que já foi dito infere-se que estão cientes de que só o afastamento da burguesia do poder e a instauração do socialismo pode resolver definitivamente os problemas e garantir a vossa segurança. Será assim?**

— Evidentemente. Nós não acreditamos nos regimes em que lado a lado o proletariado e a burguesia colaborem ou se antagonizem eternamente. Ou há um que domina ou outro. Portanto a única resposta contra os golpes reaccionários lançados pela burguesia para tentar segurar nas suas mãos o aparelho de estado, só pode ser o derrube final dessa aparelho de estado pelo proletariado para esmagar essa burguesia. É essa a única forma de conseguirmos estabilidade e segurança.

Para terminar gostaria ainda de acrescentar uma coisa. Tem-se falado muito nos soldados do RAL

1, tem-se talvez mitificado até um pouco esses soldados. Os soldados do RAL 1 são homens como todos os outros, são soldados como todos os outros. Aquilo que eles conseguiram fazer, o grau de consciência que conseguiram atingir, é atingível por qualquer soldado e por qualquer homem. Por outro lado, se é verdade que fomos nós que aguentamos o principal peso do ataque, não o aguentamos sozinhos. E a colaboração que recebemos quer de outras unidades, e sito o exemplo de Cascais, de Queluz mesmo dos fuzileiros que também cá estiveram, e até dos próprios paraquedistas quando viram que tinham sido enganados e se voltaram contra os seus oficiais e vieram ter connosco, foi igualmente importante para a vitória. E já agora não quero deixar de falar na colaboração do povo, que também foi importante para levar os paraquedistas a compreender o erro em que estavam a cair.

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS

# ENTREVISTA COM UM PÁRA-QUEDISTA

No dia 11 de Março, enquanto alguns elementos da aviação de conviência com reaccionários de direita, tentavam levar por diante um golpe fascista, começando por bombardear o RAL 1, em Monsanto, quartel onde estão os efectivos da Policia Aérea além dos especialistas que trabalham com os radares e aparelhos de transmissão, os soldados sargentos e oficiais mais esclarecidos tomaram uma posição inequívoca e firme: opuseram-se aos golpistas protegendo a antena de televisão, que foi um dos alvos visados, e fazendo recuar as forças da GNR que se preparavam para aí entrar.

Os primeiros passos que alguns soldados, cabos e sargentos deram, foi dirigirem-se aos oficiais da unidade perguntando-lhes de que lado estavam, dispostos a dar-lhes voz de prisão caso estivessem do lado contrário, isto é, ao lado dos oficiais traidores que atacavam o RAL 1. Uns oficiais foram para a frente ao lado dos soldados, outros mostraram-se indecisos. Hoje, esses soldados e oficiais que tomaram posição ao lado do RAL 1, procuram a vêniguar das razões da indecisão desses outros oficiais para que se saiba - seria de cumplicidade.

Na visita que fizemos a essa unidade, tivemos oportunidade de falar com um soldado paraquedista que desde o dia 4 de Novembro do passado ano faz serviço na Policia Aérea.

Esse soldado, enquanto o seu ex-comandante, que conduziu as duas unidades de paraquedistas contra o RAL 1, esteve preso no quartel de Monsanto pretendeu arrancar-lhe a boina verde, pois segundo ele, o ex-coronel Durão tinha atraído a farda ao enganar e trair os seus camaradas.

Quando lhe perguntámos qual o castigo que mereciam os implicados na intentona fascista do 11 de Março, a sua resposta foi directa:

" A morte. O meu ex-comandante, além de trair a classe operária, sujou a boina verde".

Segundo paraquedistas o ambiente nos paraquedistas era propício para uma situação como essa, pois os soldados tinham uma confiança, digamos, "militar" no ex-comandante. Apesar disso este só trouxe consigo 2 companhias, o que para o soldado com quem falámos parece estranho pois não é só com 200 homens que se faz um golpe de estado. A comparação do 11 de Março com o 16 de Março de 1974, apresenta-se-lhes como uma explicação possível.

Foi sobre os paraquedistas, s >

bre o 11 de Março e a maneira como tinham actuado que conversámos com esse soldado e um camarada seu:

**REVOLUÇÃO:** Acha que os paraquedistas eram capazes de disparar contra os soldados do RAL 1?

— Não, penso que não. Contra camaradas é muito difícil os paraquedistas dispararem.

**REVOLUÇÃO:** Para onde foram vocês no dia 11?

Resp. — No dia 11 a companhia da Policia formou e fomos distribuídos por diversas zonas. Uns foram para a Televisão, para proteger a antena, outros para o miradouro do Restaurante que é um ponto estratégico e outros foram cortar as estradas de acesso.

Quando chegámos à Televisão apareceu a GNR com 6 carros blindados. Queriam entrar, mas o nosso capitão perguntou-lhes de que lado estavam e não sei o que eles disseram. Mas de certeza que não estavam do nosso lado. Então ameaçámo-los de abrir fogo se eles não fossem embora. Ai os GNR meteram-se à pressa nos carros e voltaram para trás, tão depressa que alguns carros chocaram.

Mais tarde chegou uma companhia de Queluz e nós viemo-nos embora, porque eles têm mais efectivos do que nós.

No dia seguinte até veio no jornal que quando as tropas do Copcon chegaram à RTP, esta já estava ocupada por tropas reaccionárias. Claro que não é verdade. Nós fomos para lá para impedir a entrada da GNR que estava a caminho. E fomos nós que os fizemos voltar para trás.

**REVOLUÇÃO:** Vocês sabiam o que se estava a passar?

Respos. — Sabíamos. Explicaram-nos o que se passava e entrámos logo de prevenção rogosa.

Nós antes de sair, procuramos saber sempre o que vamos fazer. Como estávamos num ponto alto, podíamos ver daqui os aviões a bombardear o RAL 1 e como já sabíamos que o RAL 1 tem estado sempre do nosso lado, os que o atacavam só podiam ser reaccionários. Perguntámos aos comandantes da 5a. região aérea se estavam com a gente. Se n'ao estivessem, havia uma secção que já estava preparada para os prender.

**REVOLUÇÃO:** O Spínola apareceu em 25 de Abril como grande figura. Surge o 28 de Setembro e ele demite-se. Agora com o 11 de Março abandona o País. O que é que vocês pensam disso?

Respos: — O Spínola sempre esteve do lado do capitalismo e contra a classe operária. Não temos dúvidas nenhuma, e agora o 11 de Março veio provar quem ele era.

**REVOLUÇÃO:** Vocês costumam

reunir aqui no quartel?

Resp. Costuma haver reuniões, mas nós temos dificuldade em assistir a todas as reuniões, porque costumamos andar na ronda, portanto fora do quartel. Assistimos a umas, mas a outras não podemos.

**REVOLUÇÃO:** Tem tido contacto com os outros trabalhadores?

Resp. — Trabalho numa fábrica

na Cet-Cat e lá temos feito reuniões. Já conseguimos algumas regalias iguais para todos. Sobretudo as férias. Agora seja qual for o tempo de casa, as férias são iguais para todos.

**REVOLUÇÃO:** Também têm tido problemas, quando andam fardados na rua, depois do 11 de Março?

Respos. — Temos tido muitos. Agora, chamam-nos fascistas e reaccionários. As pessoas não devem saber que estivemos a lutar contra os reaccionários no 11 de

Março, e que só foram alguns comandantes que nos traíram a todos e que até os soldados-paraquedistas que foram ao RAL 1, foram enganados.



# CONGRESSO DO PARTIDO EGOCENTRISTA







AVOLU

V. Swartz  
1/75





# não às eleições sim

# MANOBRAS

## INSTABILIDADE DO PODER POLÍTICO

Aproximam-se os dias de confronto decisivo entre a burguesia e o proletariado, o que para o PRP — BR tem um nome e uma face — insurreição. Nas fábricas, nos campos, nas ruas, a todo o momento se põe em causa o poder da burguesia. E a todo o momento a violência se põe, como meio a empregar de um e outro lado — para uns a violência como meio necessário para a conquista do poder para o proletariado, para outros a violência como meio de opressão para manter o poder económico nas mãos da burguesia e consolidar e endurecer o poder político. Porque se vive uma situação de profunda instabilidade do poder político em Portugal, instabilidade que vem desde há muito, mas que se agravou extremamente nos últimos tempos.

Dada a situação de instabilidade, a crise económica, a força e a combatividade das classes trabalhadoras e dos militantes revolucionários a burguesia revela-se incapaz de, nestas condições, realizar os seus interesses de classe.

Como consequência desta situação de instabilidade do poder político assistimos a cisões e ao desfazer de partidos, à constituição apressada de novos partidos para intervenção específica no campo eleitoral, à degradação das relações entre os partidos da coligação governamental, a uma progressiva clarificação de linhas e redefinição de posições no terreno das formações político-partidárias.

O receio de perder o poder ou as ambições de o adquirir, por parte de várias organizações políticas traduziram-se em numerosas manobras partidárias de que alguns comícios e manifestações levadas a cabo ou tentadas, a propósito da questão sindical, foram disso uma expressão clara.

O problema sindical foi apenas o detonador que fez deflagrar a crise há muito latente entre os partidos da coligação governamental. Daí para cá foi a escalada das grandes acusações recíprocas, foram as manobras e as contra-manobras. Nesta "crise" entre os partidos da coligação governamental, o PCP destacou-se, como habitualmente, pelo seu desrefoço sectarismo e por grande capacidade de manobra, recorrendo frequentemente aos seus peões do xadrez político, MDP—CDE, MES e Inter-sindical.

Por outro lado, o PPD e o PS quando combatem o PC fazem-no, não porque repudiam a ditadura de um grupo (se fosse a ditadura da fracção ou fracções de classe da burguesia que representam aceitá-la-iam), mas pelo feroz anti-comunismo de que são instrumento. As liberdades e os direitos que estes partidos burgueses se referem constantemente são as liberdades e os direitos dos capitalistas continuarem a explorar e a oprimir os trabalhadores.

A grandiosa manifestação do 7 de Fevereiro, manifestação anti-capitalista e anti-imperialista, saldou-se por uma grande vitória das classes trabalhadoras e dos militantes revolucionários face à burguesia e ao reformismo. Por diversas formas tentou este impedir a manifestação autónoma dos trabalhadores: desde as calúnias infames até à proibição emanada do Governador Civil de Lisboa. Mas a determinação dos trabalhadores manteve-se e a manifestação foi para a frente.

A disciplina proletária dos manifestantes, a ausência de repressão por parte das forças militares ou para-militares, a solidariedade entre trabalhadores e militares verificada são indício de que um novo poder se está forjando, de que uma alternativa revolucionária pode e deve constituir-se desde já.

Ficará na história da revolução portuguesa a realidade que foi a presença de trabalhadores, revolucionários e soldados irmanados no mesmo protesto anti-capitalista e anti-reformista, realizando na prática a expressão concreta da conjugação necessária entre essas três forças hoje indissolúveis: — trabalhadores, organizações revolucionárias, soldados e oficiais revolucionários. Mas, com a existência de vários poderes que nalguns casos se anulam, com um governo que não é governo estamos perante uma situação de impasse político, que não pode manter-se por muito tempo. Como esta situação de impasse político não serve à burguesia esta reorganiza-se e dispõe-se a dar o golpe (militar ou constitucional). Se as classes trabalhadoras, as organizações revolucionárias, os soldados e marinheiros e os oficiais revolucionários não organizam e conjugam esforços rapidamente, o perigo do regresso ao fascismo é muito sério.

## CRISE ECONÓMICA E SOCIAL

A instabilidade do poder político está intimamente ligada à profunda crise económica do sistema capitalista em Portugal, crise esta que, por sua vez, se insere na crise geral do sistema capitalista à escala mundial.

Como antes do 25 de Abril, continuamos a afirmar (e torna-se cada vez mais visível) que a crise económica, política e social que o capitalismo atravessa em Portugal é de tal ordem que não há qualquer possibilidade de estabilização de uma democracia burguesa em Portugal. Uma saída social-democrática não é possível, porque este país é quase totalmente dependente e sem recursos actuais.

A crise que o capitalismo atravessava antes do 25 de Abril, longe de ser superada agravou-se. E isto apesar de (e até contra) as intenções de muitos dos autores do 25 de Abril, que eram de salvação e reforma do capitalismo.

O encerramento ou a diminuição de actividade em numerosas empresas acelerou-se nos últimos meses, tendo como resultado o despedimento de muitos milhares de trabalhadores. Há manobras do imperialismo, há manobras dos capitalistas portugueses habituados a décadas de determinadas formas de exploração e opressão sobre os trabalhadores. Outra coisa não seria de esperar pois vêm-se a perder terreno. Mas não se reduz tudo a manobras, a sabotagem económica como dizem (ou se indignam) alguns, parecendo desconhecer as leis do sistema capitalista, mostrando total ausência de análise perante o normal processo de concentração e centralização do capital. Diminuiu a capacidade de investimento, porque investidores nacionais e estrangeiros não consideram a situação favorável e receiam vir a perder os seus lucros e capitais. Pelo mesmo motivo há grande fuga de capitais para o estrangeiro, pelo mesmo motivo falta o crédito às empresas. O capital foge para onde dá frutos — esta é a lei em sociedade capitalista.

A produção interna de bens alimentares é cada vez mais insuficiente para fazer face às necessidades da população, tendo de se recorrer a importações que nos custam milhões de contos.

Agrava-se fortemente o défice da balança de pagamentos, originado, sobretudo, pelo aumento da importação de produtos alimentares, pela dificuldade de colocação no mercado mundial de certos produtos portugueses, pela diminuição das receitas do turismo.

Com o acabar da exploração colonial o custo de vida vai-se agravar, como já reflectem alguns preços, de que o do açúcar é o exemplo mais flagrante. Acabam as fontes de matéria prima barata e acabam os compradores obrigatórios das colónias (fossem de que qualidade fossem os produtos portugueses). As consequências da descolonização a nível económico têm que reflectir-se sobre o custo de vida em Portugal e isto só pode ser compreendido com um profundo esclarecimento que se dá simultaneamente com uma nova forma de produção em Portugal — a socialista. Se assim não for, este aumento do custo de vida pode ser campo de manobra de propaganda por parte das forças reacçãoárias.

Mas a inflação galopante, com o consequente agravamento do custo de vida, foi e continua a ser importante factor de mobilização das classes trabalhadoras para as lutas reivindicativas. Com os preços actualmente praticados no mercado, o salário mínimo nacional é uma ofensa à dignidade do trabalhador.

É neste contexto geral (económico, político e social), com centenas de milhares de desempregados (despedimentos, desmobilizados, retornados das colónias e do estrangeiro e os que andam à procura de emprego pela primeira vez), com as péssimas condições de habitação e saúde em que vivem milhares de famílias, que se enquadram as lutas dos trabalhadores. Lutas que assumem formas progressivamente violentas: — greves, manifestações, ocupação de fábricas, de casas e de terras.

É neste contexto que se pode compreender o aparecimento do chamado Plano de Transição, que mais não é do que uma tentativa de salvar o sistema capitalista introduzindo-lhe reformas. Pela análise do "Plano" fica-se claramente com a ideia de que o que se pretende com ele é que os trabalhadores trabalhem mais e melhor para a "reconstrução nacional", entenda-se, para a reconstrução do capitalismo em Portugal. E depois dizem tratar-se de um plano "socializante"!

Mas estas manobras cada vez menos enganam as classes trabalhadoras. A medida que se agravam cada vez mais as contradições entre burguesia e proletariado, entre as diversas fracções da burguesia, vão aparecendo tentativas cada vez mais desesperadas para salvar o capitalismo.

Entre estas, o reformismo é, como sempre foi ao longo da história do movimento operário uma forma de salvação do sistema, organizada no seio da classe operária pela pequena burguesia.

A grande manifestação operária e revolucionária de 7 de Fevereiro, levada a cabo contra as calúnias e manobras de toda a espécie veio deitar por terra muitas das esperanças da burguesia e seus agentes. Ela foi já o prenúncio da construção de um novo poder, do poder que há-de derrubar a burguesia e construir o socialismo.

## OS PARTIDOS POLÍTICOS

Interessa aqui apenas analisar aqueles partidos ou correntes da actual cena política portuguesa, que possam vir a ter influência no evoluir da situação presente.

Surgido depois do 25 de Abril, e situando-se à direita dos partidos da



## TAREFAS IMEDIATAS

Na hora actual e feita a análise actual do proletariado as seguintes:

- 1 — Consolidação e coordenação das lutas.
- 2 — Criação de comissões de luta no trabalho.
- 3 — Ocupação de terras com expropriação.
- 4 — Ocupação de casas. Criação de casas populares.
- 5 — Desenvolvimento das lutas retribuição por órgãos de poder local.
- 6 — Organização de comissões de luta.
- 7 — Organização de trabalhadores para a luta.
- 8 — Luta contra as eleições, pela constituição de um novo poder.
- 9 — Consolidação e alargamento do poder.

## OBJECTIVOS IMEDIATOS

- Estes são os objectivos revolucionários:
- 1 — Expropriação dos grandes meios de produção: Indústria, Latifúndios, Bancos, meios de comércio Interno — planeamento socialista de acordo com os trabalhadores e com execução e controle popular.
  - 2 — Dissolução das actuais estruturas de poder local e constituição por órgãos de poder local de trabalhadores eleitos.
  - 3 — Dissolução do exército actual (por conjugação dos trabalhadores revolucionários) cujas bases se criam no trabalho.
  - 4 — Luta pela independência nacional e pela igualdade com qualquer estratégia estrangeira com os países do Terceiro Mundo, baseada na igualdade.

# eleições sim à revolução socialista

# MANIFESTO

de actividade em numerosas empresas do como resultado o despedimento de milhares de trabalhadores, há manobras do imperialismo, há manobras habituadas a décadas de determinadas sobre os trabalhadores. Outra coisa não se dá terreno. Mas não se reduz tudo a como dizem (ou se indignam) alguns, o sistema capitalista, mostrando total mal processo de concentração e incapacidade de investimento, porque não consideram a situação favorável e capitais. Pelo mesmo motivo há grande pelo mesmo motivo falta o crédito às dá frutos — esta é a lei em sociedade



mentares é cada vez mais insuficiente população, tendo de se recorrer a imensas de contos.

balança de pagamentos, originado, soção de produtos alimentares, pela dição mundial de certos produtos portais do turismo.

lonial o custo de vida vai-se agravar, le que o do açúcar é o exemplo mais itéria prima barata e acabam os com- (fossem de que qualidade fossem os iquências da descolonização a nível e o custo de vida em Portugal e isto só profundo esclarecimento que se dá orma de produção em Portugal — a nento do custo de vida pode ser campo a das forças reaccionárias.

onsequente agravamento do custo de factor de mobilização das classes trativas. Com os preços actualmente pra o nacional é uma ofensa à dignidade do

o, político e social), com centenas de entos, desmobilizados, retornados das andam à procura de emprego pela ições de habitação e saúde em que vi-quadram as lutas dos trabalhadores. isivamente violentas: — greves, mani-casas e de terras.

prender o aparecimento do chamado do que uma tentativa de salvar o sis-oramas. Pela análise do "Plano" fica-se ue se pretende com ele é que os tra-ior para a "reconstrução nacional", apitalismo em Portugal. E depois di-lizante!"

os enganam as classes trabalhadoras. z mais as contradições entre burguesia ições da burguesia, vão aparecendo las para salvar o capitalismo.

sempre foi ao longo da história do mo-ção do sistema, organizada no seio da iesia.

e revolucionária de 7 de Fevereiro, le-obras de toda a espécie veio deitar por guesia e seus agentes. Ela foi já o o poder, do poder que há-de derrubar a

veles partidos ou correntes da actual im vir a ter influência na evoluir da si-

situando-se à direita dos partidos da

coligação governamental o CDS é já um importante partido f mascarado de democrata.

Dispondo de importantes recursos financeiros e de ligações aos mais reaccionários, este partido abriga no seu seio muitos dos prometidos com o regime anterior. Basta ver quem são os seus me onde estavam antes do 25 de Abril e as declarações que então. Basta ver as personalidades nacionais e estrangeiras convidadas par congresso abortado.

Ao fazerem encerrar o congresso do CDS no Porto, as massas po deram uma importante lição a esses fascistas e também a certos p que ainda andam em dúvidas se o CDS é fascista ou democrata e pr atacar aqueles a quem chamam esquerdistas.

No que respeita ao PPD, podemos considerá-lo como o representi uma social-democracia tecnocrática, como o partido da grande bu financeira, onde podemos encontrar os mais lúcidos representante burguesia que, dentro do sistema capitalista, procuram encontrar u da para a sua classe. Intimamente ligados a Spínola, ainda não es claro qual o papel que desempenharam no 28 de Setembro.

Actualmente, para fazer chantagem sobre o MFA, sobre o PC i outras forças políticas ou talvez, para justificar um possível golpe da já há dirigentes do PPD, concretamente o seu secretário geral, que f ruptura, que afirmam, que a continuar o processo actual, as eleiç constituição já não adiantam, pois, quando lá se chegasse, os pr lugares estariam ocupados por homens de esquerda.

Uma coisa é certa: se se chegar às "eleições" é muito possível que consiga uma margem de votos que lhes permita (mesmo com a alianças) dar um golpe de Estado constitucional (obtendo a maior lugares na nova assembleia constituinte) e, no caso de ser impedido verner por outros poderes existentes, justificar, assim, um golpe

Quanto ao PS, é o representante em Portugal da social)democr dicional, dos socialis-traidores — como dizia Lénine. É um partido d de reformas do sistema capitalista e inimigo irreductível da ditadura d tariado. Os seus parceiros, por essa Europa fora, têm sido frequen cúmplices descarados do imperialismo. Este partido representa em f os interesses de classe da pequena e média burguesias, tendo con penetrar nalguns meios trabalhadores, devido, sobretudo, ao desc sectorismo do PC.

Durante algum tempo conseguiram mascarar perante muita gent realmente são. O congresso do PS (com a presença de certo spinolistas e representantes do imperialismo tais como delega reacção israelita e do neo-colonialismo do Zaire), as manobras e c ões, a propósito do problema sindical, as tomadas de posição de dos seus principais dirigentes, recolocam na cena política portuque no local que realmente lhe compete. Hoje o PS é também em Portu dos sustentáculos da NATO e dos interesses imperialistas.

A classe operária e os militantes revolucionários têm de ver no inimigo perigoso que na actual situação portuguesa poderá ser um importante da reacção.

O PCP, que fora bastante tempo a esperança da classe operária e tos militantes revolucionários, por condições objectivas ligadas vimento operário mundial, veio a degenerar, também ele, num social-democrata. Nos últimos anos veio a revelar-se como um legalista e eleitoralista, subordinando-se a interesses alheios aos volução proletária em Portugal. Hoje, juntamente com o PS, embo diferenças orgânicas e referências diferentes, constituem uma corre continua em Portugal a dps renegados Bernstein e Kautsky, com e os revolucionários tiveram que romper noutras épocas da história vimento operário.

Hoje como ontem não há que temer as rupturas e os cortes. D primeiras formas de organização resultantes da tomada de consciêr parte do proletariado, que as rupturas têm sido a regra na ultrapa dos erros e da degenerescência. Os partidos comunistas nasceram cisão dentro dos partidos sociais-democratas, como hoje há orgar revolucionárias que se formam por uma ruptura com os comunistas tradicionais.

Depois do 25 de Abril, a forma de actuação, a prática e formistas-revisionistas têm-se transformado objectivamente numa ao proletariado. O reformismo-revisionismo que já há muito o era tanto, abandonara a via revolucionária, veio agora mostrar a muit amplas massas e às suas próprias bases que muitos dos que fo revolucionários à 40 anos já o não são em 1975. E que, por muito e pese, muitos que sofreram ao longo desses anos, neste momento batem pelo comunismo, e já nem sequer estão ao lado dos revoluc mas a maior parte das vezes contra eles, contra a revolução e contr dos trabalhadores.

Os reformistas-revisionistas, acedendo ao poder político nest colocaram-se numa situação em que nem sequer reformistas con

## TAREFAS IMEDIATAS DO PROLETARIADO

Na hora actual e feita a análise anterior, o PRP-BR dá como tarefas imediatas do proletariado as seguintes:

- 1 — Consolidação e coordenação das Comissões de Trabalhadores eleitas.
- 2 — Criação de comissões de trabalhadores políticas eleitas por local de trabalho.
- 3 — Ocupação de terras com expropriação. E criação de cooperativas.
- 4 — Ocupação de casas. Criação de comissões nos prédios ocupados.
- 5 — Desenvolvimento das lutas nas fábricas pela greve e pela ocupação.
- 6 — Organização de comissões de soldados e marinheiros.
- 7 — Organização de trabalhadores em função da defesa armada contra a reacção.
- 8 — Luta contra as eleições, pela propaganda e pelo esclarecimento.
- 9 — Consolidação e alargamento da organização partidária.

## OBJECTIVOS IMEDIATOS DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Estes são os objectivos revolucionários imediatos por que lutamos:

- 1 — Expropriação dos grandes meios de produção aos seus proprietários — Indústria, Latifúndios, Bancos, Seguros, Comércio Externo e grandes meios de comércio Interno — repensando toda a economia num planeamento socialista de acordo com consulta ampla das comissões de trabalhadores e com execução e controle destas.
- 2 — Dissolução das actuais estruturas legislativas e executivas e substituição por órgãos de poder local e central emanados das comissões de trabalhadores eleitas.
- 3 — Dissolução do exército actual com criação do exército revolucionário (por conjugação dos trabalhadores armados com os soldados e os oficiais revolucionários) cujas bases se criam no decurso do processo da insurreicção.
- 4 — Luta pela independência nacional, na base do não-enfeudamento a qualquer estratégia estrangeira com profunda ligação económica e política aos países do Terceiro Mundo, baseada na independência, na fraternidade e na igualdade.

# à revolução socialista

# FESTO

coligação governamental o CDS é já um importante partido fascista, mascarado de democrata.

Dispondo de importantes recursos financeiros e de ligações aos meios mais reaccionários, este partido abriga no seu seio muitos dos comprometidos com o regime anterior. Basta ver quem são os seus membros, onde estavam antes do 25 de Abril e as declarações que então faziam. Basta ver as personalidades nacionais e estrangeiras convidadas para o seu congresso abortado.

Ao fazerem encerrar o congresso do CDS no Porto, as massas populares deram uma importante lição a esses fascistas e também a certos partidos, que ainda andam em dúvidas se o CDS é fascista ou democrata e preferem atacar aqueles a quem chamam esquerdistas.

No que respeita ao PPD, podemos considerá-lo como o representante de uma social-democracia tecnocrática, como o partido da grande burguesia financeira, onde podemos encontrar os mais lúcidos representantes dessa burguesia que, dentro do sistema capitalista, procuram encontrar uma saída para a sua classe. Intimamente ligados a Spínola, ainda não está bem claro qual o papel que desempenharam no 28 de Setembro.

Actualmente, para fazer chantagem sobre o MFA, sobre o PC e sobre outras forças políticas ou talvez, para justificar um possível golpe da direita, já há dirigentes do PPD, concretamente o seu secretário geral, que falam de ruptura, que afirmam, que a continuar o processo actual, as eleições e a constituição já não adiantam, pois, quando lá se chegasse, os principais lugares estariam ocupados por homens de esquerda.

Uma coisa é certa: se se chegar às "eleições" é muito possível que o PPD consiga uma margem de votos que lhes permita (mesmo com algumas alianças) dar um golpe de Estado constitucional (obtendo a maioria dos lugares na nova assembleia constituinte) e, no caso de ser impedido de governar por outros poderes existentes, justificar, assim, um golpe militar.

Quanto ao PS, é o representante em Portugal da social-democracia tradicional, dos sociais-traidores — como dizia Lênine. É um partido defensor de reformas do sistema capitalista e inimigo irreductível da ditadura do proletariado. Os seus parceiros, por essa Europa fora, têm sido frequentemente cúmplices descarados do imperialismo. Este partido representa em Portugal os interesses de classe da pequena e média burguesias, tendo conseguido penetrar nalguns meios trabalhadores, devido, sobretudo, ao descrédito e sectarismo do PC.

Durante algum tempo conseguiram mascarar perante muita gente o que realmente são. O congresso do PS, com a presença de conhecidos spinolistas e representantes do imperialismo tais como delegados da reacção israelita e do neo-colonialismo do Zaire), as manobras e declarações, a propósito do problema sindical, as tomadas de posição de alguns dos seus principais dirigentes, recolocam na cena política portuguesa o PS no local que realmente lhe compete. Hoje o PS é também em Portugal, um dos sustentáculos da NATO e dos interesses imperialistas.

A classe operária e os militantes revolucionários têm de ver no PS um inimigo perigoso que na actual situação portuguesa poderá ser um aliado importante da reacção.

O PCP, que fora bastante tempo a esperança da classe operária e de muitos militantes revolucionários, por condições objectivas ligadas ao movimento operário mundial, veio a degenerar, também ele, num partido social-democrata. Nos últimos anos veio a revelar-se como um partido legalista e eleitoralista, subordinando-se a interesses alheios aos da revolução proletária em Portugal. Hoje, juntamente com o PS, embora com diferenças orgânicas e referências diferentes, constituem uma corrente que continua em Portugal a dos renegados Bernstein e Kautsky, com os quais os revolucionários tiveram que romper noutras épocas da história do movimento operário.

Hoje como ontem não há que temer as rupturas e os cortes. Desde as primeiras formas de organização resultantes da tomada de consciência por parte do proletariado, que as rupturas têm sido a regra na ultrapassagem dos erros e da degenerescência. Os partidos comunistas nasceram numa cisão dentro dos partidos sociais-democratas, como hoje há organizações revolucionárias que se formam por uma ruptura com os partidos comunistas tradicionais.

Depois do 25 de Abril, a forma de actuação, a prática dos reformistas-revisionistas têm-se transformado objectivamente numa traição ao proletariado. O reformismo-revisionismo que já há muito o era e, portanto, abandonara a via revolucionária, veio agora mostrar a muito mais amplas massas e às suas próprias bases que muitos dos que foram revolucionários à 40 anos já o não são em 1975. E que, por muito que isto pese, muitos que sofreram ao longo desses anos, neste momento não se batem pelo comunismo, e já nem sequer estão ao lado dos revolucionários, mas a maior parte das vezes contra eles, contra a revolução e contra a luta dos trabalhadores.

Os reformistas-revisionistas, acedendo ao poder político nesta fase, colocaram-se numa situação em que nem sequer reformistas conseguem

ser, pois que o facto de partilharem o governo os, impede de estarem ao lado dos trabalhadores batendo-se pela conquista de reformas e regalias económicas. Reformas e regalias que reivindicariam a quem? A si próprios? A si próprios, governo, paralizado pela situação económica e incapaz de dar qualquer passo dentro do sistema. Esta é a situação que aqui em Portugal conduz o reformismo a um impasse excelente para demonstrar as suas contradições! Neste momento e neste país, o reformismo não tem oportunidade de enganar, mas sim de se desmascarar.

É assim que sucessivamente em cada empresa, em cada caso concreto, o reformismo-revisionismo se tem expressado contra as lutas. Para ele a liberdade tem sido usada para refrear, em vez de servir para organizar e lutar. As greves da TAP, dos CTT, da Lisnave, das fábricas de electrónica, as greves em geral, e agora as ocupações das casas e as expropriações dos campos foram e são combatidas e caluniadas por todos os meios ao dispor da direcção dum partido com grandes disponibilidades financeiras e que por isso pode ter na mão jornais diários, programas de rádio e um aparelho de funcionários. Mas as manobras e as calúnias encontram cada vez menos eco nos militantes de base que na prática foram muitas vezes revolucionários e com os quais estamos dispostos a estar lado a lado.

Otras organizações, sem história partidária e sem alternativa revolucionária têm ido a reboque do reformismo-revisionismo, no triste espectáculo que dão sempre as posições oportunistas (MDP-CDE, MES e outros que a isso se tentam candidatar).

Mas é certo também que algumas organizações existentes que se reclamam do maolismo transformaram aquilo a que chamam "marxismo-leninismo" em cartilha de algibeira, desconhecem cegamente a realidade concreta económica, social e política (fá-lo aqui ou noutra polo da terra da mesma maneira), tomam como inimigo principal o reformismo-revisionismo, jogam a fundo na estabilidade da democracia burguesa empenham-se no jogo eleitoral, tonando-se também objectivamente, contra-revolucionárias.

Otras negam a realidade concreta revolucionária porque entendem não estar criado o partido comunista revolucionário e empregam todos os esforços na criação desse partido pondo de lado, a análise e a intervenção na situação concreta.

Auto-proclamando-se vanguarda da classe operária, ou considerando-se seus donos, muitos desses grupos tentam manobrar no sentido de travar o processo revolucionário até que eles construam (ou reconstruam) o tal "grande partido da classe": esse tal partido, que lhes permitiria controlar a classe, à imagem e semelhança daquilo que foi e é pretendido pelo PC.

Por certo, quando se der a revolução socialista estas organizações ainda não de estar à espera de construir o tal "grande partido" (o bom) e, no decurso do processo revolucionário, muitas delas serão varridas, pois a classe operária não precisa de pai e saberá escolher quem é a sua vanguarda.

## M.F.A.

Durante décadas que as forças armadas foram um dos principais sustentáculos das classes dominantes e do regime fascista. Este poderoso instrumento de classe da burguesia foi utilizado nas guerras coloniais em África para perpetuar o domínio e a exploração imperialistas sobre Angola, Guiné e Moçambique.

Durante muitos anos as Forças Armadas foram comandadas principalmente por oficiais providos das classes dominantes, sobretudo da grande burguesia.

Com o desenvolver das guerras em África, com a necessidade de manter dezenas de milhares de homens armados nas colónias, houve a necessidade de alargamento das forças armadas. Por outro lado, os riscos ocorridos tornaram a carreira menos atraente aos elementos da grande burguesia. Assim, com o alargamento dos quadros das Forças Armadas, e a diminuição da presença de elementos da grande burguesia (não interessa lá muito escolher a carreira militar em tempo de guerra), operou-se uma modificação nos quadros jovens das F.A., aumentando a percentagem de elementos providos da pequena burguesia e das classes trabalhadoras.

A profunda crise económica, política e social que o sistema atravessava em Portugal, com a consciência de que uma vitória militar das Forças Armadas portuguesas em África era impossível e de que estas mesmas forças apareceriam como o bode espiatório dos desaires do fascismo, foram os factores que levaram ao aparecimento do "Movimento dos capitães", ao M.F.A. e depois à insurreição do 25 de Abril.

Mas as contradições existentes no seio do M.F.A. são enormes. Além disso tem-se tentado confundir MFA com Forças Armadas. E no entanto é muito claro sob ponto de vista dum análise de classes que nas F.A. há representantes de todos os extractos sociais — um general, um soldado,

Temos repetidas vezes afirmado que dentro do M.F.A. havia e há homens reaccionários e homens progressistas. Dentro do MFA havia e há os que fizeram o 25 de Abril numa tentativa desesperada para salvar o capitalismo em Portugal e para acabar com as guerras em África, estabelecendo novas formas de colonialismo. Tratava-se para estes, de resolver os problemas com que a sociedade capitalista se debatia, mas dentro do sistema capitalista e dentro do imperialismo. No MFA, onde há apenas oficiais, a prática tem demonstrado que alguns deles se mantêm fiéis à sua classe, mas outros, pela dinâmica do processo que se seguiu ao 25 de Abril, pela violência da realidade que têm que defrontar, se têm transformado radicalmente. O processo que se tem vivido após o

(Continua pág. 10)

# MANIFESTO

Continuação pág. 9

25 de Abril transformou alguns conservadores em revolucionários e levou oficiais de origem burguesa a optarem pelo proletariado e pela revolução socialista. Mas o reformismo de vários tipos é ainda hoje o refúgio de muitos oficiais ditos progressistas.

Contudo, o 25 de Abril, em vez de resolver os problemas do sistema capitalista em Portugal, acelerou o processo de aprofundamento da crise e muitos dos homens que fizeram o 25 de Abril vieram a tomar consciência das realidades e até a romper com a sua posição de classe.

É assim que o M.F.A. se divide claramente em direita, esquerda e reformismo e apresentá-lo como um bloco é escamotear a verdade.

Para muitos oficiais quer porque sejam revolucionários, quer porque se aperceberam que não há outra saída, já se põe como única opção a Revolução Socialista.

O proletariado, além das organizações revolucionárias, além dos soldados e marinheiros terá de contar desde já com estes oficiais progressistas (e são eles que têm as armas) na sua luta contra a burguesia e a reacção, na sua luta pela Revolução Socialista em Portugal.

## AS EXISTÊNCIAS DA BURGUESIA

## NÃO ÀS ELEIÇÕES DA BURGUESIA

Já antes do 25 de Abril afirmávamos (extraíndo daí as consequências práticas) que com eleições burguesas não se resolvem os problemas fundamentais das classes trabalhadoras. Denunciávamos, então, as organizações reformistas, pelo seu legalismo e eleitoralismo, e dizíamos que só pela insurreição armada é possível às classes trabalhadoras conquistarem o poder.

De então para cá houve alterações a nível do poder político, modificou-se a correlação de forças existentes, criaram-se vários poderes, mas o essencial do sistema capitalista permaneceu intacto. Continuaram os capitalistas a serem os detentores dos grandes meios de produção, de troca e de financiamento (fábricas, latifúndios, supermercados, bancos); continuou a burguesia a explorar o oprimir as classes trabalhadoras.

E é na actual situação de profunda crise económica, política e social do capitalismo em Portugal, com centenas de milhares de desempregados, com o preço dos bens mais elementares a crescer vertiginosamente (e consequente agravamento do custo de vida das classes trabalhadoras), com os partidos da coligação governamental a degladerem-se fortemente entre si, com a direita a reorganizar-se rapidamente, com as lutas dos trabalhadores — greves, ocupações (de fábricas, empresas, terras e casas) e manifestações — que vêm os sectores mais reacçãoários e também os sectores reformistas tentar desviar as atenções das classes trabalhadoras do seu terreno real de luta para a disputa eleitoral burguesa.

Mas, enquanto tudo isto se passa, a direita vai fazendo múltiplas tentativas para ganhar terreno e reorganizar-se: tentativa de relançar Galvão de Melo e Spínola, em Portugal e no estrangeiro, congresso abortado do CDS no Porto, rápido lançamento do partido fascista PDC, desafio lançado por Sá Carneiro em Aveiro, utilização da hierarquia eclesiástica e dos sectores católicos mais reacçãoários (nos casos de Prouença-a-Nova e Rádio Renascença), coligação CDS-PDC, insinuações e ameaças sérias feitas por estes partidos e pelo PPD ao desenvolvimento do processo revolucionário em Portugal.

As ameaças de imposição dum poder de direita fazem sentir que ele se tentará impor não só por via eleitoral, mas pela via da força, se necessário. Cada vez é mais claro naquilo que dizem e escrevem os arautos da direita, que recorrerão a um golpe de força no caso de não lhes servir a via democrática. E embora tenham por certo que lhes são favoráveis os resultados, sabem também que uma "legislação revolucionária" anterior às eleições os pode inibir e impedir no real exercício do poder político. Por outro lado sabem, que dado o avanço do processo revolucionário e o estado de consciência das massas, um poder de direita só se aguentará pela força. Daí que as forças da reacção tenham neste momento dois recursos bem organizados no seu saco — a via eleitoral e a conspiração armada, à sombra do imperialismo. E determinadas forças militarizadas, como a PSP demonstram mais uma vez que são reles e mal pagos servidores da burguesia e é necessário contar com eles do lado da reacção. Os incidentes no comício do PPD em Setúbal vieram demonstrar, por um lado, que as massas populares suportam dificilmente as organizações de direita e o seu jogo eleitoral e por outro que a PSP estava previamente combinada com aquele partido e disposta a matar, tal como matou.

Estes incidentes mostram que o período eleitoral é difícil ou impossível e que seguirão sucessivas transgressões ao teatro montado para umas eleições que nada resolvem, e nas quais jogam partidos de direita e sociais-democratas, embarcando neles até à data tanto reformistas, revisionistas como variadíssimas organizações que dizendo-se revolucionárias, valorizaram as eleições actuais de modo a oferecerem-lhes civil nomes e o melhor do seu esforço.

Só se compreenderá a atitude destas organizações (que se reclamam do anti-reformismo e do anti-revisionismo (e portanto do anti-eleitoralismo) de embarcarem também nas "eleições" se tivermos em conta que muitas delas primam por uma insuficiência ou até ausência de análise concreta da situação concreta em Portugal. Por isso e com pretenciosismo de análises científicas, apostam também na consolidação da democracia burguesa.

Para o pensamento reformista o evoluir da situação está ligado a uma concepção gradualista, que se reflete nos três Planos Económicos de Emergência ou Salvação propostos pelos partidos comunista e socialista e

pelo ministro Melo Antunes e que se baseia na ideia que o socialismo se deve instalar por etapas. Com essas etapas que gradualmente irão instalando reformas no sentido "socializante" pretendem, segundo dizem, consolidar a actual economia e evitar confrontos violentos. Conquista a conquista, "consciencializando" à medida do possível as massas mais atrasadas esperar, segundo dizem, implantar as grandes reformas. Assim julgam surpreender o capitalismo... e enganar — lo. Esta é a teoria dos vários sectores reformistas, civis e militares, muito embora a revistam de formas diversas. E mesmo que, pela impossibilidade da via democrática as medidas "socializantes" tenham que ser impostas pela força, é ainda o reformismo que presidirá à sua aplicação.

Ao contrário desta concepção, pensamos que o gradualismo e as etapas são suicidas. A actual situação de crise económica é resultante do sistema capitalista e agravar-se-á enquanto persistir este sistema em Portugal. Só uma alteração profunda na estrutura económica social e política baseada no sistema socialista permitirá sair da crise e encontrar soluções novas. Pretender como fazem os reformistas que as soluções se vão encontrando por etapas dentro do sistema capitalista é arrastar os problemas e permitir que a direita se vá organizando e criando condições para triunfar. Neste país ou existe capitalismo ou socialismo. Os grandes meios de produção ou são do capital ou são colectivos; pretender que num país se pode viver metade em capitalismo, metade em socialismo é enganar os trabalhadores. E é, na prática, escolher o capitalismo.

Por via eleitoral ou por via militar as soluções graduais e por metade são o terreno óptimo para o agravamento da crise e criam condições para o triunfo da reacção.

## ÚNICA SOLUÇÃO — REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Na situação actual há uma única solução a opôr ao fascismo — a Revolução Socialista.

O estado actual da economia portuguesa elimina qualquer hipótese desenvolvimentista ou reformista como tem ficado demonstrado.

A única possibilidade de sair da crise é a socialização dos grandes meios de produção, eliminando interesses privados e sujeitando toda a economia a um planeamento nacional. Mas isso não chega. É necessário que a gestão seja colectiva, ou seja que ao nível da economia haja órgãos de poder dos trabalhadores que sejam a expressão da ditadura do proletariado.

Esta gestão por parte dos trabalhadores, que assim assumem a produção e o desenvolvimento do país, porque sabem que o bem é colectivo, é a única garantia de que este país reduzido a extremas dificuldades possa conseguir o triunfo do sistema socialista.

Porque sabemos que a implantação do socialismo aqui é um empreendimento difícil. Um país com uma agricultura reduzida quase a zero, com uma indústria dependente, com um enorme número de desempregados, só por um grande esforço colectivo conseguirá desenvolver-se, criar riqueza e ser independente. Para tal terá que ser feita uma reconversão da economia que terá de ser pensada em moldes totalmente diferentes. E se é certo que o boicote e a sabotagem económica da parte do imperialismo existirão (como já existem) também é certo que hoje em dia o chamado Terceiro Mundo, com particular relevo para as ex-colónias portuguesas, constitui uma grande possibilidade de intercâmbio e de relações fraternas. Este é o caminho possível para a independência nacional e a única possibilidade de não acorretar o país a estratégias estrangeiras, devidas a dependências económicas. Estas circunstâncias internacionais permitem hoje possibilidades de que esteve bem longe a União Soviética em 1917. Ou mesmo Cuba em 1954. Por outro lado a possibilidade de tornar Portugal num país socialista em plena Europa Ocidental é a possibilidade de dar um salto na história e a possibilidade de implantar aqui um socialismo avançado, cuja existência transformará a face do mundo. Porque é certo que, dado o circunstancialismo deste país, um regime socialista aqui terá formas avançadas de poder e libertar-se-á da burocracia técnico-administrativa. A gestão colectiva e a democracia proletária são a verdadeira ditadura do proletariado e são a única possibilidade de sobrevivência.

Mas para que triunfe a revolução neste momento em Portugal é necessário que se conjuguem três polos: AS MASSAS TRABALHADORAS, OS REVOLUCIONÁRIOS, E OS MILITARES REVOLUCIONÁRIOS. Qualquer destes componentes ficará derrotado mais cedo ou mais tarde se estiver sozinho. A vitória será possível se os três estiverem conjugados.

As massas trabalhadoras têm avançado desde o 25 de Abril em formas de luta que mostram a sua maturidade. E as suas formas de organização, autónomas, independentes de partidos, têm sido a garantia de que o movimento operário não vai a reboque de interesses que lhe são alheios. Nas últimas semanas as ocupações de terras e de casas são uma expressão concreta de poder das massas trabalhadoras que assim conquistam, embora dirigidas pela organização dos trabalhadores, não são ainda coordenadas a nível geral. A coordenação a nível geral e nacional das várias comissões de fábrica, de campo, de casas, ainda não existe. Quando a organização autónoma dos trabalhadores existir coordenada estará dando um passo importante na conquista e na tomada do poder. Quanto aos militares revolucionários a sua existência está cada vez mais à vista e em muitas ocupações têm estado ao lado dos trabalhadores, como estiveram claramente no 7 de Fevereiro. E

## A NACIONALIZAÇÃO DA BANCA E A DOS SEGUROS

As profundas contradições existentes no poder político surgido após o 25 de Abril, a falta de uma perspectiva revolucionária tendente a mudar o modo de produção existente, consentiu que o fascismo se reorganizasse no sentido da recuperação do poder. Neste processo, inserem-se a tentativa de golpe de estado constitucional de Palma Carlos, a intenção do 28 de Setembro, e o golpe militar de 11 de Março. Os sucessivos golpes falhados da reacção, as condições económicas e sociais existentes, o fracasso da política reformista e o avanço das lutas dos trabalhadores provam que não é possível ao país estabelecer em democracia burguesa.

Após o último golpe de força, o poder político efectivo (na F.A.) compreendeu que o processo não poderia avançar sem afectar o grande capital, para o que as nacio nalizações da banca e dos seguros foram o primeiro passo. Estas medidas só serão verdadeiramente revolucionárias se forem executadas sem qualquer tipo de indemnizações aos capitalistas expropriados e se os trabalhadores procederem a um profundo saneamento e passarem a exercer um controlo efectivo de toda a actividade nas empresas.

As nacionalizações não podem parar na banca e nos seguros, terão que ser extensivas aos grandes meios de produção — fábricas, campos; comércio externo e grandes meios de comércio interno.

O socialismo a 50% não passa de uma opção capitalista.

Os reformistas que têm feito uma grande festa à volta destas nacionalizações como se fosse sua própria obra, pretendem mais uma vez controlar os trabalhadores ao afirmarem que nada se poderá fazer sem o conhecimento e a presença das estruturas sindicais, enfiadas à sua linha capitalista. Vejamos como a direcção do Sindicato dos Bancários actuou relativamente às nacionalizações, quando avançou com os nomes de indivíduos para fazer parte das comissões administrativas, sem terem dado conhecimento prévio aos trabalhadores. Estes devem controlar efectivamente as comissões de trabalhadores exigindo-lhes a todo o momento que sejam convocadas reuniões amplas para discussão e deliberação da sua forma de actuação.

O capitalismo que investiu milhares de contos na intenção de 28 de Setembro e 11 de Março, que viu presos muitos dos seus laços sofreu uma derrota, no entanto ainda não perdeu a guerra. Com todos os recursos a nível internacional, ele tentará entrar o processo apoiado pelo imperialismo, recorrendo se necessário à violência.

A nacionalização da banca e dos seguros é um passo importante para a derrota do capital, desenvolvendo condições que podem ser aproveitadas pela classe para acelerar o processo que conduzirá à Revolução Socialista Pela Organização Autónoma Pela Ditadura do Proletariado Revolução Socialista

Núcleo dos Bancários do PRP-BR

# OCUPAÇÃO DE CASAS

Nestes últimos dias tem sido bem claro a vontade de todos os trabalhadores de melhorarem as suas condições de vida. Esta vontade está bem traduzida na grande movimentação que os trabalhadores iniciaram no sentido da ocupação de casas. É certo que aproveitando esta vaga de ocupações se introduziram oportunistas alguns dos quais "senhorios" que assim ocupavam uma casa e poderiam alugar a sua. A organização de todos os trabalhadores ocupantes apontará o carácter desmobilizador, abusivo e oportunista dessas pessoas: será a própria organização dos trabalhadores que responderá, desalojando todos esses vigaristas porque outros trabalhadores necessitam de tecto.

Todos os que vivem em péssimas condições de alojamento têm direito a um tecto e todos reconhecem esse direito. No entanto, quando os trabalhadores que necessitam de habitação a exigem, criticam-nos e consideram ilegal a ocupação de casas. Será que desconhecem a natureza do problema ou fazem vista grossa?

O projecto do Governo para a solução do problema baseia-se na autoconstrução ou recuperação dos bairros actuais, bem como a habitação tipo pré-fabricado. Constituirá isto uma solução ou simplesmente o adiar da solução com o consequente dispêndio de dinheiro para o remendar do problema?

Por outro lado, a não legalização, o não arrendamento das casas segundo o fixado por lei, apresentando em alternativa ou rendas elevadas (5000\$00) ou as

casas ficam para os filhos que têm três ou quatro anos (com esta idade não precisam com toda a certeza de casa própria).

Não contentes com isto, os senhorios introduzem mobiliário nas casas que estão desocupadas por forma a que se pense que elas se encontram alugadas; fazem arrendamentos fictícios aos amigos, conhecidos, parentes que possuem casa própria evitando assim alugá-las; negam-se a falar com os possíveis inquilinos ou se o fazem negam-se a alugar as casas com pretextos eleitorais (quando vierem as eleições pode ser que ganhe o partido deles e assim eles voltam às vigarices e podem subir as rendas), verificando-se o mesmo em relação aos trabalhadores ocupantes que pretendem legalizar a sua situação através do contrato, pagando o estipulado por lei; e negam-se a alugar com o pretexto de que a Câmara Municipal é que dá ordens e aluga mas, em contra partida, os senhorios evitam contactos ou retardam-nos com a Câmara quando esta pretende que eles (senhorios) façam benéficas nas casas para depois as alugar. Isto traz-nos imediatamente outro problema: a demolição. Pois é na realidade o que os senhorios pretendem para a construção de novos prédios e consequentemente a obtenção de lucros maiores e como tal o torpedeamento do estabelecido para arrendamentos; demolições que demoram três, cinco ou sete anos que são apressadas. Porquê? Em alguns casos para evitar o pagamento de indemnizações a terceiros (não inquilinos); noutros para evitar qualquer tipo de ocupação; e, a

construção de prédios novos situando-os em rendas elevadíssimas não acessíveis à bolsa dos trabalhadores.

A actividade da indústria privada da construção civil em actividade negativa, tem-se vindo a exercer no sentido da obtenção de um maior lucro e não no da satisfação das necessidades da maioria da população.

Como se explica a demolição de prédios que não se encontram em ruínas e em perfeitas condições de habitação. Como se explica o não acabamento dos prédios?

Como se pode explicar isto se as situações clamorosas de injustiça de muitos milhares de pessoas, a viverem em verdadeiras pocilgas se mantêm. E, entretanto, os senhorios continuam à espera das eleições, criadas pelo 25 de Abril, que poderão resolver os seus problemas. Eles sabem perfeitamente que através de um processo eleitoral, este lhes é favorável pois que eles continuam a deter tudo nas suas mãos.

O voto é uma arma de dois gumes. Os proprietários constituem já uma frente comum e organizada a determinações legais de emergência. A posição das Câmaras é ou não dúbia? De que lado se encontram? Querem ou não iludir uma realidade concreta (habitação) através de posições e objectivos legais que na prática não vingam porque foram feitos nos gabinetes? Qual a sua posição de classe? Pretendem jogar na "unidade" Vasco Gonçalves que engloba burgueses, pequeno burgueses, e proletários tal como os reformistas que querem conciliar interesses antagónicos (tra-



balhadores — capitalistas) Continuam a bater as teclas já gastas da democracia pluralista, das camadas mais desfavorecidas e do antimonopolismo, o que é isto?

Democracia pluralista — conciliar interesses de classes antagónicas, criando uma nova esperança em que a burguesia continua a dominar criando uma monocracia electiva? Antimonopolismo? Ou será anticapitalismo? Aponta-se para a social-democracia se o "capital colaborar". Senão, e como a cabeça está a prêmio, avança-se para o socialismo. A deterioração da situação já nos permite uma solução baseada na construção da propriedade social por iniciativa do Estado ou das autarquias locais. A acção concertada dos proprietários é objectivamente sabotagem económica visando uma cada vez maior exploração das classes tra-

balhadoras deste país. Por outro lado, a maioria das casas demolidas e aquelas cujos proprietários solicitam licença de demolição, estão em boas condições de habitação.

Todas estas acções nojentas são feitas em colaboração com a PSP, autênticos mercenários do capital, a quem os proprietários através de um quadro de horas extraordinárias, em que os polícias não são polícias mas cumprem como tal, chegam a pagar cento e vinte escudos por hora para lhes guardarem as casas evitando as ocupações. Muito pode o dinheiro.

Os trabalhadores sentindo tudo isto na carne ocuparam prédios e avançam inclusive com a expropriação dos prédios criando uma "renda social" como fundo para os melhoramentos que as casas que ocupam possam necessitar. E esta força nada nem ninguém poderá travar.



## Calendário dos Comícios do Sul

- 28 de Março — AZARUJA — 21,30 h.
- 30 de Março — VIMIEIRO — 21,30 h.
- 5 de Abril — REGUENGOS — 21,30 h.
- 7 de Abril — PORTEL — 21,30 h.
- 11 de Abril — S. PEDRO DE GAFANHOEIRA — 21,30 h.
- 12 de Abril — VIANA DO ALENTEJO — 21,30 h.
- 13 de Abril — ÉVORA — 21,30 h.
- 14 de Abril — REDONDO — 21,30 h.
- 14 de Abril — SERRA D'OSSA — 15,00 h.

MONTEMOR — 29 de Março  
PORTALEGRE — 6 de Abril

# A POPULAÇÃO DE CAMPO DE OURIQUE



Elaborou a Comissão Provisória de moradores da Zona Centro da Freguesia de Sto. Condestável (C. Ourique, Lisboa), dois comunicados alertando a população sobre factos graves, acontecidos naquele bairro.

Vamos nos reportar ao 1.º Comunicado, de Fevereiro: "A Comissão Provisória de moradores da Zona Centro da Freguesia de Sto. Condestável (C.P.M.) reuniu-se de emergência em 22-2-75, para tomar posição perante a destruição de prédios, levada a cabo pelos seus proprietários, violando os direitos do povo à habitação. Desta reunião, saiu um comunicado, dando a conhecer à população um documento enviado à Câmara Municipal.

Nesse documento, alertava-se a Câmara para a gravidade dos actos de destruição cometidos pelos proprietários em habitações

vagas existentes em prédios, alguns dos quais parcialmente ocupados. Exigia-se medidas enérgicas e imediatas para resolver essa situação — Exigia-se a imediata reparação dos estragos por parte dos proprietários, a suspensão de todas as demolições, autorizadas ou não, assim como uma imediata vitória por parte de uma comissão Técnica a nomear pela Câmara e pelas Comissões de Moradores, em paridade de elementos.

O último ponto do documento exigia a expropriação de todos os edifícios pertencentes a proprietários que não estivessem a cumprir a função social, mesmo na actual etapa do processo pré-revolucionário, em que ainda vigoram leis do regime fascista, leis elaboradas para defender esses proprietários, e que no entanto eles se recusam a cumprir.

Finaliza o documento da seguinte forma:

"Caso não sejam tomadas quaisquer medidas que resolvam correctamente este problema, a C.P.M. reserva-se o direito de optar pelas formas de luta que em conjunto com a população forem consideradas mais convenientes".

8-3-75 a mesma C.P.M. emite um novo comunicado, acerca de um Plenário convocado para eleger uma Comissão de moradores. Nesse comunicado de 5 pontos, alguns elementos da C.P.M. afirmam que a Comissão de Moradores não era representativa, pois não fora eleita pelo povo. Alertava-se os moradores da Freguesia contra a ingerência das entidades administrativas e de organizações partidárias. A população de C. Ourique é alertada para o facto de elementos da C.P.M. utilizarem abusivamente da Comissão de Moradores, para convocar uma marcha, onde se associava essa comissão a Partidos e organizações, sem qualquer deliberação.

O Plenário visado fora convocado por elementos da Comissão de Moradores, pertencentes à Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Sto. Condestável, ignorando a existência da C.P.M. Neste comunicado denuncia-se a duplicidade dos desvios da Comissão Administrativa da Junta, que ignoram a existência da Comissão mas que assumem a posição de membros da comissão quando achar oportuno fazê-lo.

Por todos estes oportunismos, servindo interesses alheios aos moradores a C.P.M. da zona Centro da Freguesia de Sto. Condestável defende a não presença de membros da Comissão Administrativa da Junta ou de outra entidade administrativa nessa Comissão.



## A ocupação da Parada

O Sporting Clube de Cascais (Parada) clube de Verão, onde só os senhores e as senhoras da alta burguesia de Cascais, podiam ter acesso, foi ocupado por moradores de Cascais. Acabaram assim com a inutilidade daquela casa pondo-a ao serviço dos trabalhadores, como infantário popular.

Denunciam os moradores de Cascais num seu comunicado "Considerando que o terreno e instalações pertencem ao Estado, que cobrava apenas a quantia de 1 500\$00 anuais (1) de renda a alta burguesia, o que constituía uma situação de favoritismo vergonhoso a minorias privilegiadas que só pelas suas ligações com governos fascistas conseguiam contratos destes".

Este "clubezinho de Verão" com campos de ténis, piscina, jardins, luxuosamente mobilado foi expropriado à burguesia. Tal como este, outros existirão e terão que levar o mesmo tratamento.

De notar que para ser sócio daquela casa era necessário assinar uma declaração, igual à do funcionalismo público, nas épocas áureas do fascismo — "Declaro por minha honra que estou integrado na ordem social estabelecida pela constituição de 1933, com activo repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas". E a assinatura tinha de ser reconhecida pelo notário!

"Foi a necessidade de modificar a utilização das instalações da Parada que levou o grupo de moradores do concelho de Cascais a tomar nas suas próprias mãos e levar à prática a referida ocupação a fim de que sejam as estruturas representativas da população trabalhadora do concelho tais como comissões de moradores e colectividades populares a tomar a direcção do futuro Infantário Popular de Cascais. Por consequência não reconhece este grupo qualquer representatividade a organizações políticas que reivindicuem a ocupação".

## A Democracia Cristã Europeia

### QUEM É O SR. SCHMELZER?

Recentemente foram admitidos na União Europeia da Democracia Cristã, os dois partidos Fascistas CDS e PDC. Esta Internacional que agrupa organizações reivindicando-se de Democratas e Cristãos, sobejamente conhecidas pela sua acção contra-revolucionária, na Europa e América Latina, tem como Presidente o holandês Schmelzer, que já foi ministro do seu país, e está estreitamente ligado às multinacionais.

Vamos, em seguida, apresentar a sua biografia:

Wilhelm Klaas Norbert Schmelzer (Rotterdam, 22-3-1921) é membro do KVP (Partido Popular Católico). Estudou economia e ciências sociais na Escola Superior Católica de Economia de Tilburg onde se diplomou em 1947. De 1947 a 1950 trabalhou para UNILEVER (1) de 1950 a 1956 foi funcionário do Ministério da Economia, de 1956 a 1959 foi Secretário de Estado do Interior. Novamente Secretário de Estado noutro Governo de 1959 a 1963; é o leader do KVP na Câmara dos Comuns de 1963 a 1971. Sendo o principal representante da ala conservadora do KVP, aliado do V.V.D. (Partido Popular para a Liberdade e Democracia), partido reaccionário auto definido como "liberal". Em 1971 é ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de coligação de centro direita.

A noite de 13-14 de Outubro de 1966 ficou sendo conhecida pela "noite de schmelzer". Nesta data deu-se a queda do governo Cals, devido a uma moção de desconfiança sobre a política financeira, conduzida por schmelzer. Cals era membro do Partido de Schmelzer, o KVP.

Schmelzer e o Prof. Seenkamp, quando se deu o golpe do Chile emitiram um comunicado da CDA (Frente que alinha os Partidos Religiosos), de apoio aos Democratas Cristãos chilenos, directamente envolvidos no golpe fascista, suscitando vivos protestos das forças democráticas holandesas. Perante esta tomada de posição, a CDA publicou outro comunicado, onde reprovou os militares reaccionários chilenos:

Em 1973 é elaborado um estudo pelo Dr. W.C.Y. Van Leuwen chefe da Secção dos Assuntos Jurídicos de Curaçau onde Schmelzer a adiantar o actual processo de independência das Antilhas Holandesas, numa manobra neocolonialista, relacionada com os interesses da companhia Petrolífera Shell (2), cujas concessões nesta área das Caraíbas, terminaria na década de 80.

Creemos que é elucidativa esta biografia do democrata cristão Schmelzer, representante máximo dos Partidos reaccionários que proliferam nos diversos continentes, e que admitiu na sua União Europeia da Democracia Cristã, os já conhecidos CDS e PDC., completamente identificados com a camarilha fascizante.

Derruba governos, golpista Parlamentar (e não só), intimamente ligados às grandes multinacionais capitalistas, são características comuns destes "Democratas", destes "Cristãos".

- (1) - UNILEVER — segunda mais importante multinacional da Holanda e a 9.ª do mundo.
- (2) - SHELL — 1.ª Companhia Holandesa e 4.ª do mundo.

## AINDA XAVIER DE LIMA

A quinta de S. Vicente de Coimra, propriedade de Xavier de Lima encontra-se num abandono criminoso, pois nunca mais foram tratadas as árvores de fruto nem cultivadas as terras que são as melhores da zona. Outros exemplos são os ex-arrozais em frente à Quinta do Conde, arrossados com o fim de futuramente se lotear encontrando-se um processo pendente na Secretaria da Agricultura.

Toda a acção criminosa, já sobejamente conhecida do capitalista sem escrúpulos X. de Lima, é rematada com a descoberta da correspondência confidencial, que aquele individuo trocava com a L. P., datada de Fevereiro de 1974.

Os trabalhadores têm deparado com inúmeros obstáculos na luta contra X. Lima, pois ainda são bastante fortes as influências, mesmo a alto nível. Os seus bens nunca foram congelados e as contas bancárias que estavam congeladas, foram descongeladas, apesar das graves irregularidades praticadas pela firma.

Os trabalhadores exigem do governo a aplicação do Decreto-Lei 660-74, e mostram-se firmes na denuncia das manobras do patronato, mantendo-se unidos contra a exploração capitalista.

## Comício do Campo Pequeno

Continua pág. 7

depois que é impensável que o imperialismo aceite de braços cruzados o resultado de umas eleições, de que eventualmente fossem vencedoras organizações que se dizem da classe operária. "Aqueles que assim pensam estão, tal como ontem no Chile, loucos".

Carlos Antunes, chamou depois a atenção para a necessidade da conjugação de três componentes sem as quais não é possível barrar o caminho ao fascismo e construir o socialismo: os revolucionários, soldados e oficiais progressistas e trabalhadores.

"Esta é a frente de luta que urge construir e ampliar e que de armas na mão derrotará o fascismo antes que este nos derrote a nós".

Sor fim, o camarada disse que "a única hipótese de fazer frente à reacção e evitar a intervenção do imperialismo é fazer-lhe sentir que em Portugal todos os trabalhadores, todos os revolucionários, um por um, estão dispostos a morrer em caso de intervenção. Só assim se evitará a derrota e se poderá pensar em construir a sociedade socialista.



# MANIFESTO

Continuação pág. 10

uma cequeira se os trabalhadores e os revolucionários não quiserem ver que no caminho para a revolução têm que ter ao seu lado os soldados e os oficiais revolucionários. Mas também é certo que no decurso da insurreição o actual exército (FA) terá que se dissolver para que se crie um exército revolucionário. As actuais Forças Armadas têm de tudo — reaccionários e revolucionários — e têm que ser expurgadas de tudo o que não é revolucionário. Por outro lado, os trabalhadores de cada unidade de produção terão que ser armados e organizados na disciplina proletária. Duns e doutros nascerá o exército revolucionário. Sem ele a revolução, a tomada do

poder e o socialismo não são possíveis.

Cabe hoje aos revolucionários ser a verdadeira vanguarda, conjugando estas duas componentes — massas trabalhadores e militares revolucionários. Nesta situação concreta há que escolher quem quer ir à frente da revolução e quem quer ir a reboque. Mas também é certo que da insurreição e das profundas transformações no exército e no seio das massas trabalhadoras nascerá um novo partido revolucionário ou um renascido partido revolucionário, que englobará organizações existentes. E muitos partidos desaparecerão.

**CAMARADAS, PROLETÁRIOS DA CIDADE E DOS CAMPOS**

**CAMARADAS, SOLDADOS E MARINHEIROS**

**CAMARADAS, MILITANTES REVOLUCIONÁRIOS**

## A REVOLUÇÃO ESTÁ NA ORDEM DO DIA

- Organizemo-nos nos locais de trabalho.**
- Organizemo-nos nas Forças Armadas**
- Organizemo-nos para a Revolução Socialista**

**Viva a Classe Operária!  
Viva o Comunismo!**

Comissão Central  
do  
PRP  
Brigadas Revolucionárias

10 de Março de 1975



# PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

- ACABAR COM A SOCIEDADE CAPITALISTA
- ACABAR COM A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

- LUTAR CONTRA O COLONIALISMO E NEO-COLONIALISMO

- LUTAR CONTRA O IMPERIALISMO NA PERSPECTIVA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

- ORGANIZAR OS TRABALHADORES PARA A TOMADA DO PODER

- A TOMADA DO PODER PELOS TRABALHADORES É SEMPRE PELA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

- O PROLETARIADO NO PODER É A DITADURA DO PROLETARIADO

- A DITADURA DO PROLETARIADO NÃO É A DITADURA DUM PARTIDO OU DUM GRUPO, É A DITADURA DA CLASSE QUE É UMA FORMA SUPERIOR DE DEMOCRACIA

- A DITADURA DA CLASSE TEM DE SER EXERCIDA POR ESTRUTURAS ELEITAS PELA CLASSE

- ESSAS ESTRUTURAS SÃO AS COMISSÕES DE TRABALHADORES ELEITAS EM ASSEMBLEIA E REVOLUCIONÁRIAS A TODO O MOMENTO

- ASSEMBLEIAS DE TRABALHADORES, COMISSÕES DE TRABALHADORES, DELEGADOS DE COMISSÕES SÃO A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES

- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA É A ÚNICA REPRESENTANTE LEGÍTIMA DOS TRABALHADORES

- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES É QUE EXERCERÁ A DITADURA DO PROLETARIADO

- CABE AO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO A ANÁLISE POLÍTICA DA SITUAÇÃO CONCRETA, DE ACORDO COM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA GLOBAL

- CABE AOS MILITANTES ESTIMULAR A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA, LUTAR DENTRO DELA POR UMA LINHA JUSTA; PROPAGANDEAR A PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA, RECRUTAR NOVOS MILITANTES

- NA SITUAÇÃO ECONÓMICA, SOCIAL E POLÍTICA ACTUAL SÓ HÁ UMA SAÍDA PARA OPOR AO FASCISMO E AO CAPITALISMO — A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

# O 11 DE MARÇO

Continuação pág. 16

fes se necessário. Aquilo que alguns entenderão como indisciplina nos quartéis é democracia, e é a possibilidade do poder militar ficar efectivamente nas mãos daqueles que são explorados ou estão ao lado dos explorados.

Mas o golpe do 11 de Março não foi feito por suicidas ou loucos. Inse-re-se o golpe do 11 de Março numa estratégia que nem sequer é apenas da reacção portuguesa, mas que diz respeito ao imperialismo e é como tal que deve ser interpretado e não como um animal definitivamente amansado, tal como fazem aqueles que aventureiramente, correm a fazer o V da vitória e a cantarolar no folclore político.

No dia 11 de Março saiu uma primeira linha da reacção. Preservaram-se os chefes, devidamente preparados para fugir. Tudo leva a crer que o imperialismo gastou um dos seus primeiros cartuchos. Mas o imperialismo joga numa certeza - a de que a situação económica se vai degradar. A CIA conhece melhor a realidade portuguesa do que muitos partidos políticos que aqui estão e do que muitos órgãos do poder; Portugal e neste momento para o imperialismo uma das preocupações mais destacadas. A CIA traça sobre a mesa o seu plano: avançou este primeiro ataque militar, mas preservou os chefes; preservou para segundas núpcias uma outra linha de homens, alguns já declaradamente reacconários, outros "democratas", mas profundamente anti-comunistas. E sabe que a situação económica, com ou sem nacionalizações, se vai degradar e que criará o terreno fácil para um certo tipo de actuação política.

Dentro desta situação, como actua (e é manobrada) a política reformista? A política reformista tem um objectivo a curto, a médio e a longo prazo - a conquista de posições dentro do poder. Esse é o objectivo que determina tudo. E cobiam tanto mais o poder quanto este possa ser exercido por militares que garantam uma política reformista, sem comprometer directamente o nome deste ou daquele partido.

Nessa política de conquista de posições os reformistas não olham a qualquer escrúpulo. Foi a direita que fez o golpe? Pois proiba-se um partido de direita e dois de esquerda! A AOC e o MRPP têm alguma coisa a ver com o 11 de Março? Pois que nos demonstrem porque é que foram proibidos. E que nos apresentem razões mais fortes do que as que levaram à prisão alguns candidatos da AOC, porque essas razões são puramente de delito de opinião.

Estas são as manobras dos re-



"A história julgará e no final des.le complicado processo ver-se-á quem são os revolucionários fiéis à classe... e quem são aqueles que traíram, em nome do poder"

formistas feitas à luz do dia. Outras, e de certo mais obscuras são feitas por detrás dos bastidores. E assim se vão entretendo a combater as esquerdas enquanto as direitas se organizam.

A nova forma como se organiza o poder político e militar veio reafirmar a imagem dum poder extremamente fraccionado e onde há de tudo. Quem vai governar: o Governo ou o Conselho da Revolução? e dentro deste quem prevalece - direita, centro ou esquerda? Qual a classe que efectivamente defendem?

A medida da nacionalização da banca que consequências pode trazer? A nacionalização da banca é uma medida revolucionária quando inserida num contexto de total transformação económica, social e política. A nacionalização da banca e a sua transformação em dois únicos bancos - um de investimento outro comercial - tem sentido quando houver nacionalização da indústria, dos latifúndios, do comércio externo e interno quando tudo for submetido a um plano socialista à escala do país com gestão colectiva. Perguntamos: será que continuam as múltiplas agências à boa maneira capitalista? E onde vai ser investido o dinheiro: em empresas capitalistas, porque não há outras, se-

jam elas pequenas ou grandes. E se de certo mais obscuras são feitas por detrás dos bastidores. E assim se vão entretendo a combater as esquerdas enquanto as direitas se organizam.

— A única alternativa a opôr à alternativa reformista socialdemocrata (que mais tarde ou mais cedo será derrotada pelo imperialismo) é a alternativa revolucionária que conduza a uma total e radical transformação do país no sentido do socialismo e do poder dos trabalhadores, única possibilidade de triunfar o combate ao imperialismo. Só se o trabalho for baseado num profundo espírito colectivo é que se encontrarão as soluções para o país enfrentar as dificuldades que se seguirão à socialização. Mas uma coisa é certa: é inevitável um confronto violento entre a burguesia e o proletariado. E este só sairá vitorioso se estiver armado e organizado com os soldados e os oficiais revolucionários. Esta a possibilidade de vitória e a possibilidade de se instaurar em Portugal uma sociedade socialista avançada, que transforme a face da Europa e do mundo.

# Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.  
Distribuição: DIC.

## O 11 DE MARÇO, A SITUAÇÃO ACTUAL E A SUA EVOLUÇÃO

— O 11 de Março veio na sequência duma situação de degradação ao nível económico, e de contradições ao nível do poder político, que tem sido ocasionada pela política reformista, de remediação, de moderação e de conciliação de classes.

— O 11 de Março aconteceu porque existiam e existem elementos das Forças Armadas e do MFA dispostos a pegar em armas ao lado da reacção, para salvar o capitalismo. Quando alertámos os trabalhadores, dizendo que ao lado dos revolucionários havia fascistas dentro das F.A. e do M.F.A., chamavam-nos de provocadores e de divisionistas. Agora aí está a prova cabal de que era verdade aquilo que dizíamos. Grande número dos oficiais presos ou em fuga eram oficiais do activo. E alguns deles sentavam-se na assembleia dos 250 do MFA e não nos esqueceremos tão depressa de nomes como Durão, Bruno, Monge. Afinal quem era provocador e divisionista? Diremos antes que eram mistificadores e enganadores todos aqueles, pessoas ou partidos, que desde o

primeiro momento bajularam o MFA e as FA, não separando o trigo do joio, não esclarecendo quais as profundas diferenças existentes entre homens da reacção e homens revolucionários. Essa mistificação deu possibilidades à permanência dos reaccionários dentro das Forças Armadas e do MFA e possibilitou a sua liberdade de movimentos.

— Não nos esqueçamos, os trabalhadores não se esqueceram das pessoas e partidos que desde o primeiro momento se prestaram a colaborar com Spínola e com todos os spinolas que o acompanharam e que se lhe seguirão. A história julgará e no final deste complicado processo ver-se-á quem são os revolucionários fiéis à classe operária e a um objectivo e quem são aqueles que atraíram, em nome do poder, em nome de ambições partidárias.

— Esta história rápida dos últimos meses em Portugal demonstra-nos também, sob os nossos olhos, que vale a pena ser oportunista e ter a coragem de por vezes estar isolado, porque mais tarde ou mais cedo a verdade vem ao de cima. E de certo que outras e mais

importantes verdades nos esperam.

— O 11 de Março veio revelar mais uma vez o assalto aos meios de comunicação por parte dos reformistas - revisionistas, passando alguns deles a funcionar como se fossem propriedade deste ou daquele partido. Mas também revelou que essas ideias que conseguem, pelo aparelho partidário, controlar meios de comunicação, nada conseguem ao nível de unidades militares revolucionárias. Porque aí o aparelho pequeno-burguês nada pode, aí é no duro e na acção que as coisas se jogam. E é assim que os comunicados n.º 1 e n.º 2 do RAL 1 são "censurados" pela tesoura reformista dos meios de comunicação. Então os senhores reformistas nem sequer dão voz aos homens bombardeados no dia 11 de Março! realmente a guerra deles é outra.

— De certo que este golpe falhado nos fez demonstrações importantes. E uma das mais importantes é a de que os soldados estão dispostos a bater-se contra a reacção e a não seguir os seus che-

(Continua na pág. 15)

## 2.º COMUNICADO À POPULAÇÃO

A presença de um porta-helicópteros americano ao largo da costa portuguesa desde a madrugada de 14 vem repor todo o problema do golpe fascista, mas num grau totalmente diferente.

Ao contrário do que alguns querem fazer crer o problema aqui não é só um problema do fascismo local, mas sim do imperialismo. O golpe militar falhado de 11 de Março está ainda por explicar em toda a sua dimensão. difícil imaginar um suicídio desta ordem da parte de militares tão experimentados. Muitos dos comprometidos poderão não estar directamente implicados neste golpe, mas podem constituir uma segunda linha de combate, pronta a intervir. As forças imperialistas são o apoio psicológico e operacional que a reacção pode utilizar.

Estamos concretamente sob a ameaça americana, que está disposta a intervir em qualquer país onde o capitalismo está em risco.

Mais uma vez dizemos que tem sido a moderação e a falsa tese de implantar o socialismo por etapas que têm criado condições para a organização fascista. O prolongamento da crise económica do capitalismo, a livre organização de partidos fascistas, o eleitoralismo, a ilusão de que tudo estabilize em democracia burguesa tem criado todas as possibilidades para a degradação da situação. Ainda agora, quando certas fontes oficiais desmentem dados verdadeiros, desmobilizam os trabalhadores da vigilância necessária.

Aqui, ou há capitalismo ou há socialismo. E o capitalismo, com reformas ou não, só sob a forma fascista se pode aguentar no poder, devido à crise em que está. O socialismo, rapidamente implantado e com os trabalhadores no poder, é a única solução: Os reformistas enganam os trabalhadores e enganam-se a si próprios quando escolhem a moderação. E mesmo quando escolhem aproveitar-se dos golpes da reacção para, pela manobra, conquistar posições, continuam a enganar-se a si próprios — o imperialismo existe e aí está, sobrepondo-se a todas as manobras.

O PRP-BR pensa que o momento não é para propaganda e agitação partidária, pensa que não é para folclore.

Mas é este o momento decisivo em que os militantes políticos e as massas trabalhadoras se devem mobilizar e organizar no sentido de pegarem em armas, ao lado dos soldados e oficiais revolucionários, para a implantação do socialismo e para a defesa da independência nacional, porque esta independência só existirá pela implantação do Socialismo. Os trabalhadores devem manter-se organizados e unidos nos locais de trabalho, que são a base principal de toda a organização. Devem estar atentos, vigilantes e informados. Os militantes devem estar em estreita ligação e coesão partidária.

Este momento é decisivo. Está em jogo o futuro dos trabalhadores portugueses e o futuro do movimento operário internacional. O imperialismo aparece a mostrar a garra quando se sente atingido. Levemos a batalha até ao fim.

Secretariado Político do PRP-BR



"Não nos esqueçamos, os trabalhadores não se esqueceram das pessoas e partidos que desde o primeiro momento se prestaram a colaborar com Spínola e com todos os spinolas que o acompanharam e que se lhe seguirão"

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
 MORADA .....  
 LOCALIDADE .....  
 PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 96\$00   
 Anual — 192\$00

PAGAMENTO: Em cheque   
 Em Vale